



A visão do mundo segundo os índios

Foi assim que nasceu a mulher

Maria Vilma de OLIVEIRA

Os índios Umúsin Panlôn Kumu e seu filho Tolamã Kenhíri são os autores do "Antes O Mundo Não Existia", o primeiro livro escrito totalmente por índios, com uma introdução da antropóloga Berta Ribeiro. Um livro importante, cujo valor está em ser escrito sobre assuntos indígenas e que confere uma incontestável autenticidade de conteúdo e de forma da narração.

O autor, Tolamã, índio desãna de 37 anos, narra pela primeira vez na história da antropologia brasileira, a criação do mundo segundo a mitologia de seu povo. Um trabalho iniciado em 1968, em São João do Rio Tiquié, afluyente da margem direita do rio Uaupés, local da antiga maloca construída por seu avô, em um trecho não encachoeirado.

Seu pai, Umúsin, grande conhecedor de toda a história desãna, como todos os xamãs, possui um grande conhecimento da mitologia, dos ritos e costumes indígenas. E foi ele quem ditou todas essas histórias e lendas que contém este livro. Além de todo esse conhecimento, nunca quis aprender o português; resiste com teimosia à dominação e doutrinação evangélica, empenhando na preservação dos costumes tribais. Mas mesmo assim, foi impossível não absorver toda uma aculturação imposta pelo homem branco. Segundo a antropóloga Berta Ribeiro, a maioria dos homens de menos de quarenta anos e a quase totalidade de crianças e adolescentes de ambos os sexos estão alfabetizados. Estes últimos frequentam cerca de três ou mais anos os internatos da Missão Salesiana, onde recebem, além da doutrinação religiosa, o ensino de primeiro grau, às vezes completo, cujo programa é o dos cursos oficiais desse nível adotado no Rio de Janeiro ou em qualquer cidade brasileira.

"O nível de escolaridade dos índios do Uaupés é mais alto que o da população amazônica do interior", declara o padre Casemiro Beskta, da Prelazia do rio Negro, em 1978.

Mas quando os jovens índios voltam à aldeia, a antiga maloca que conhecida como povoado, subs-

tituindo a que atualmente nada tem além de casas familiares arruadas, e de seu regresso do internato, os índios têm de provar a sua subsistência, praticamente da mesma forma que a proviam seus antepassados, há quinhentos ou há mil anos".

Para os mais conscientes há a certeza que é necessário preservar toda a cultura de seus antepassados, com toda uma estrutura social desãna, onde se destaca a figura do pajé, que exerce a função de cura. O Kumu, por sua vez, é responsável "pelos ritos propiciativos de crescimento das crianças, de defesa dos iniciandos, de previsão e prevenção de malefícios; do baiá, definido como mestre de canto e cerimonial, acumulando as funções do tuxáua ou capitão, antigo dono de maloca, atual chefe de um povoado, cuja investitura é hereditária". Muitas vezes essas funções são exercidas por uma só pessoa, como é o caso de um dos autores deste livro, Umúsin Panlôn Kumu, ou Firmino Lena.

Sobre a preocupação de preservar todas as suas características culturais próprias e a sua identificação étnica, transcreve um trecho do texto de Berta Ribeiro: "Atualmente, em vista dos convertidos projetos de aproveitamento racional da floresta amazônica, os índios do Uaupés e do Içana têm de redobrar a sua vigilância para não serem engolfados numa nova expansiva tão ou mais daninha que a do surto de borracha. As sedes das missões salesianas de Uauareté (rio Uaupés), Pari-Cachoeira (rio Tiquié), Carara-Poço (rio Içana), Taracua (rio Uaupés), já transformadas em

distritos do município de São Gabriel, com estações meteorológicas, correio, usinas termoelétricas, hospitais, hospedarias, podem evoluir para se constituírem em centros administrativos desse município, carregando uma população cabocla e forânea onde se situam essas missões. Outro risco é representado pela abertura da rodovia Perimental Norte, que também cortará a reserva, ainda não demarcada, dos índios uaupésinos e içaneiros, trazendo uma avalanche de trabalhadores sedentos de terras... Um terceiro perigo é a abertura da área — não obstante ser reserva florística e terra indígena — à exploração madeireira por grandes companhias estrangeiras, conforme veiculam os jornais. Além de um desastre ecológico — o solo amazônico, com exclusão da várzes, tem apenas dez centímetros de humus que, em dois anos, é levado pela erosão — isso constituiria uma ameaça terrível ao que resta de autonomia trival aos índios dos altos afluentes do rio Negro, que iniciam o longo caminho tendente ao autocomando do seu destino. Uma quarta ameaça, igualmente crucial, é representada pela chamada emancipação de grupos aculturados, ou de alguns índios individualmente, em nome de sua pretensa autodeterminação. Os índios do Uaupés estão conscientes dessa ameaça e, certamente, tudo farão para denunciá-la fazendo valer seus direitos à posse das terras em que vivem milenarmente e aos seus modos de vida tradicionais, como etnias e cultura que resistiram a séculos de

avassalamento, conservando seu ethos tribal. Por último, fala-se do desmembramento dessa região para a construção de um território federal, o que culminaria por potencializar todas as referidas ameaças".

A criação de tudo

Segundo os autores, no princípio o mundo não existia, e havia só trevas. Foi então que surgiu uma mulher criada de si mesma, através de objetos como bancos, cuias, suportes de janela, cigarros, porta-cigarros, coca e tapioca. Era a avó do universo, também chamada de Yebá beló, a não criada. Vivendo numa morada de quartzo e com o próprio pensamento ela criou o universo. Continuando em seu ritual, sentada no serô, ou seja, banco cerimonial e fumando o seu cigarro, Yebá beló fez surgir da fumaça um novo ser, criado da luz, das camadas do universo e da humanidade, um ser que passou a ser chamado de Emekho sulã Panlâmin. E deste foi criado o sol. E a evolução do universo até o aparecimento da humanidade é descrita através de símbolos que constituem toda uma mitologia própria da região amazônica com a personificação dos elementos naturais, como o trovão, o relâmpago, as enchentes, os igarapés e os rios de águas escuras.

A humanidade é, finalmente, criada através de pares de enfeites masculinos e femininos com o diadema, colares, brincos e objetos cerimoniais, surgindo como homem através da superfície da terra. "Por isso em Ipanoré há tantos buracos nas pedras", concluem os autores,

A todas as tribos, Emekho sulã Panlâmin, também chamado o criador, disse: "Dou-lhes o bem-estar; dou-lhes riquezas das quais vocês nasceram". Isto significava a paz... "Tanto assim que os ancestrais dessas tribos nunca fizeram guerra".

Na descrição do surgimento do homem, o branco foi o sétimo a surgir, aparecendo com uma espingarda na mão. Ouvia do criador: "Você é o último, dei aos primeiros todos os bens que eu tinha. Como é o último, deve ser uma pessoa sem medo. Você deverá fazer a guerra para tirar a riqueza dos outros. Com isso encontrará dinheiro". E o homem branco ouvindo isto, deu um tiro e seguiu para o sul e foi habitar em São Gabriel. Ali mesmo fez a guerra.

Nesse lugar, existem na pedra desenhos rupestres de figuras parecidas com soldados com capacetes e espingardas, todas ajoelhadas, dando tiros. Já que o criador deu ao branco o poder de fazer guerras, isto tornou-se para ele como uma festa. "Por isso, os brancos fazem a guerra".

O oitavo a sair da superfície das águas foi o padre com o livro na mão e foi enviado ao branco. "Por isso nossos avós sabiam que existia padre". Depois deste, surgiu um ser invisível e barulhento, o demônio que vive na mata. "Parece gente mas não é como as outras pessoas".

Mas a paz, a riqueza e o bem-estar doados pelo criador não duraram uma eternidade, segundo os conhecimentos de sãna, a humanidade foi atingida três vezes, sofrendo o desparecimento por cataclismo de fogo e o último por água. Desta última catástrofe apenas os picos das quatro maiores montanhas ficaram sobre a grande inundação "como os esteiros do céu". Daí vem a explicação para os fenômenos da noite-dia.

"Durante a noite, quando o céu desce, essas montanhas o aparam para que não caia e esmague a humanidade. Ao descer, o céu aperta o ar, dando sono para a gente dormir. De madrugada, o céu começa a levantar-se e os homens começam a acordar".